

Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em entrevistas (Projetos NURC/SP e NURC/RJ)

Paulo de Tarso Galembeck

Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – Centro de Letras e Ciências Humanas
– Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Rodovia PR-445 – 86601-000 – Londrina-PR-Brasil
ptgal@uel.br

Abstract. *This text deals with the correlation between the topic rupture and the alternation of different types of text (narrative; dissertation; descriptive; injunctive) in asymmetrical interaction (interviews). It also discusses on the discursive reasons for these alternation.*

Keywords. *spoken language; interaction; discourse; textual typology; topic.*

Resumo. *Este texto trata da correlação entre a ruptura tópica e a alternância de diferentes tipos de textos (narração; dissertação; descrição; injunção) na interação assimétrica (entrevistas). Também são discutidas as razões discursivas para essa alternância.*

Palavras-chave. *Língua falada; interação; discurso; tipos de texto; tópico.*

1. Introdução

Este trabalho discute a correlação entre a ruptura do tópico em andamento e alternância de tipos textuais. Parte-se da noção corrente de tópico (“aquilo acerca de que se está falando”) e dos tipos textuais definidos por Travaglia (1991), quais sejam, a narração, a dissertação, a injunção, a descrição.

O corpus do trabalho é constituído pelos inquéritos nº 018, 208, 250 (NURC/SP, publicados em Preti e Urbano, 1988) e nº 084, 135, 328 e 373 (NURC/RJ, publicados em Callou e Lopes, 1993).

O trabalho compõe-se de duas partes: na primeira, dedicada à fundamentação teórica, são expostas as noções de texto e discurso e são discutidas a tipologia de textos e a formação dos tipos textuais. Na segunda parte, efetua-se a análise dos dados.

2. Fundamentação teórica

2.1 Texto e discurso

Em sua tese de doutorado, Travaglia (1991) propõe uma fundamentação teórica textual-discursiva. Em relação aos estudos textuais, o Autor diferencia as **Teorias do Texto da Lingüística Textual** e utiliza a primeira denominação para o conjunto de contribuições das diferentes disciplinas envolvidas na compreensão da coerência, reservando, para as contribuições específicas da Lingüística, o nome Lingüística Textual. Esta, conforme nos diz o Autor, tem sido entendida como “o estudo dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui,

compreende e descreve o fenômeno texto”, tendo como tarefas básicas a determinação dos princípios de constituição e fatores responsáveis pela coerência do texto, assim como o levantamento de critérios para a delimitação dos textos. A Linguística Textual focaliza, portanto, o **texto**, entendido como *unidade lingüística concreta* (Travaglia, 1991:22).

No plano discursivo, tem-se a **Teoria do Discurso**, que é a “teoria da determinação histórica dos processos semânticos”, os quais são realizados por meio do **discurso**. Portanto, é o discurso *qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre os interlocutores*, ou seja, a atividade comunicativa e seu processo de enunciação.

Para o Autor, entre o **texto** – unidade lingüística concreta – e o **discurso** – atividade produtora de efeitos de sentido que sedimenta regularidades – existe uma relação dialética, uma vez que “o discurso se realiza em texto e não há texto sem discurso” (Travaglia, 1991:21). O componente discursivo determina o lingüístico, mas cabe às regularidades formar a condição-base e as possibilidades para a produção do discurso. É nesse sentido que Koch, em seu livro *Argumentação e Linguagem*, diz que “o discurso constitui uma unidade pragmática, atividade capaz de produzir efeitos, reações, ou, como diz Benveniste, *a língua assumida como exercício pelo indivíduo*” (Koch, 2000:21).

Acerca dessa inter-relação, Bakhtin defende a necessidade de se haver, nos estudos lingüísticos, uma concepção clara da natureza do enunciado¹ (em geral e seus tipos particulares), sem a qual o estudo se tornaria formal e abstrato, pois o enunciado situa-se no cruzamento entre a língua e a vida. Em suas palavras, “a língua penetra na vida por meio dos enunciados concretos que a realizam, e é também por meio dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. Lembre-se que, para Bakhtin, o homem é visto enquanto produtor de textos, ou seja, constrói-se na e pela linguagem, de forma dialógica (Bakhtin, 1992:282).

Dessa forma, deve-se avaliar o texto como unidade complexa de sentido, no qual se materializam as formações discursivas², possibilitando a existência de tipos de textos, conforme discutiremos a seguir.

2.2 Formação de tipos textuais

As idéias e estudos desenvolvidos tanto pelas teorias de texto, quanto pelas teorias de discurso, anteriormente discutidas, levam à concepção de que há formas recorrentes na língua, e os falantes as utilizam na produção verbal. Observou-se anteriormente a existência de uma determinação mútua entre texto e discurso. É justamente esta interdeterminação a condição para a existência de tipos textuais e discursivos.

Bakhtin explica que a língua é utilizada em todas as esferas da atividade humana para a produção de enunciados. Nestes, encontram-se refletidas – no conteúdo, no estilo e sobretudo na construção composicional – as condições específicas e finalidades de cada esfera, as quais vão elaborando, dessa forma, seus **tipos relativamente estáveis de enunciados**, denominados pelo Autor de **gêneros do discurso**.

Nessa concepção, o Autor coloca uma distinção essencial entre os **gêneros primários**, ou simples e os **gêneros secundários**, ou complexos. Os primeiros são aqueles constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea e, razão pela

qual são marcadas pela relação imediata com a realidade. Em contrapartida, os gêneros secundários perdem essa característica, pois sua constituição é mais complexa, eles absorvem e transmutam os gêneros primários, principalmente por meio da escrita.

O presente estudo, por ser relativo à língua falada, volta-se a um gênero primário, sendo de extrema importância a consideração do processo interacional em que os textos foram produzidos.

Travaglia, talvez devido à finalidade de seu estudo, é mais específico e sistemático no que tange aos tipos de texto. Ao tratar das regularidades antes mencionadas, salienta a **regularidade lingüística**, entendendo-a como “uma *crystalização*, uma sedimentação que representa o produto (sócio-histórico) de um processo discursivo caracterizado por sua exposição ao acontecimento da enunciação”. Os **tipos**, para o Autor, são exatamente essas **crystalizações**, assim, eles “sobredeterminam o funcionamento discursivo, determinado as marcas lingüísticas que estarão presentes no texto” (Travaglia, 1991:27 e 31). Os tipos são, ao mesmo tempo, modelo e atividade, e, assim, são parte das condições de produção do discurso. O Autor acrescenta, a esse respeito, que o ato de dizer é sempre tipificante.

2.3 Estabelecimento de tipologias

O ato de dizer é sempre tipificante e o tipo textual, por seu turno, constitui uma atividade estruturante. Nesse sentido, Travaglia (1991) afirma ser a tipologia necessária e importante, pois este princípio organizador possibilita a sistematização e, por conseguinte, a análise. Desse modo, a tipologia direciona a análise, devendo, portanto, ser determinada pelo objeto da análise em relação à natureza do texto.

De acordo com essa perspectiva, os critérios utilizados para o estabelecimento de tipologias revelam não somente a concepção de linguagem e de discurso, como também o tipo de texto considerado. Vilela e Koch (2000:539-40) lembram a impossibilidade de haver tipologias construídas por meio de critérios simultaneamente homogêneos e exaustivos, observando a existência de três linhas gerais nas tipologias de texto:

- as que levam em consideração as características textuais internas do texto;
- as que consideram os traços textuais exteriores ao texto;
- as que combinam os traços internos e os traços externos.

Essa pesquisa filia-se à terceira linha, conforme é possível verificar por meio de orientação teórica adotada até o momento.

Resta ainda um outro ponto a ser observado: o fato de a classificação dos textos se dar em termos de dominância ou predomínio de certo tipo de texto sobre os demais tipos presentes no texto, motivo pelo qual o senso comum afirma que não existem textos “puros”. Cabe lembrar, a esse respeito, a opinião de Travaglia, que propõe serem puros os tipos de discurso, enquanto os textos raramente são puros em termos de tipos. O citado Autor explica que isto acontece pelo fato dos textos “se organizarem quase sempre a partir do cruzamento, da articulação de vários discursos (vale dizer, de vários tipos de discurso)” (Travaglia, 1991:43).

2.4 Tipologia de textos

Neste estudo, são definidos como tipos de textos as diferentes formas de apreender a realidade e apresentar diferentes componentes da mesma.

Conforme foi explicitado, a tipologia adotada nesta pesquisa foi sugerida pelos estudos de Travaglia (op. cit.), sendo os tipos textuais propostos pelo Autor definidos em termos de composição. São eles:

a) **Narração: exposição de fatos e acontecimentos.**

- (1) (...) e as:: sobremesas... não nós não ficamos muito tempo em Curitiba nós... fomos () viemos... quando nós voltamos da Argentina nós fizemos pernoite só em Curitiba e viemos... entende? ... mas que eu me lembre nós passamos uma noite nós fomos a um restaurante lá:: (...)

(NURC/RJ, 328)

b) **Descrição: exposição das características de seres e objetos.**

- (2) (...) primeiro... o restaurante em si... já é exótico... mesinha baixa... almofadas e a gente senta... com os pés cruzados... e e vem assim uma série... uma quantidade de molhos e peixe cru (...)

(NURC/POA, 291)

c) **Dissertação: discussão de conceitos ou defesa de pontos de vista.**

- (3) (...) agora eu acho que tudo que passa ser a... alertada formação mental das criaturas... precisa ser não importa em que terreno vai influir aquilo... eu acho que o bem-estar de uma família precisa ser realmente orientado... agora se vai influir no consumo lá fora... isso já é outro problema (...)

(NURC/RJ, 373)

d) **Injunção: pedido ou solicitação, formulados implícita ou explicitamente.**

- (4) (...) eu (es)tava perguntando a respeito do tratamento entre marido e mulher... por exemplo você e H... como é que vocês se tratavam?

(NURC/RJ, 012)

Foi dito, anteriormente, que os tipos são definidos como uma forma de apreender e apresentar a realidade. À medida que isso acontece, vão sendo estabelecidas relações, assim, Travaglia discrimina as relações dos tipos propostos como modo de enunciação, o objetivo da enunciação e a visão que se faz do interlocutor.

Com referência à caracterização desses tipos de textos, o Autor acrescenta ainda que a **narração** e a **injunção** são essencialmente *discursos do fazer (ações) e do conhecer (fatos, fenômenos)*, enquanto que a **descrição** e a **dissertação** são essencialmente *discursos do ser e estar e discursos do ser*, respectivamente, embora possam conter ações, fatos ou fenômenos.

2.5 Transições tipológicas

A definição de **transição** é apresentada a partir das colocações de Wenrich (1991:325). Nessa obra, o Autor conceitua a transição como a passagem de um “signo” de um subsistema da língua a outro “signo” do mesmo subsistema, havendo uma tendência para que as transições sejam homogêneas, ou seja, para que a passagem aconteça de um signo para outro da mesma natureza. Para a constituição do texto e, por

consequente, para a produção e apreensão do mesmo, este fenômeno é significativo em dois pontos: quanto à **textualidade** e, ligado a este aspecto, quanto à caracterização em **tipos textuais**. O primeiro aspecto advém das transições (homogêneas) vistas em seu *conjunto*, enquanto que o segundo se dá pela *proeminência* das mesmas. Nesse sentido, Travaglia afirma ser a **continuidade** um fator de coesão e coerência tanto no plano semântico – continuidade de sentido – quanto no plano gramatical (Travaglia, 1996:453).

Cabe elucidar que a mencionada afirmação de Travaglia tem como base a verificação de fatos de continuidade de tipos de verbos e situações e categorias verbais, caracterizando. Foi a partir desta observação que, nesse último trabalho, o Autor levantou a hipótese de que há, nos textos falados, uma continuidade tipológica em termos de tipos textuais de composição, sendo este último estudo o estímulo da presente pesquisa.

3. Análise dos dados

3.1 Tipos textuais no *cópus*

Como este trabalho discute a relação entre o conteúdo ou assunto e os tipos textuais, cabe verificar, inicialmente, o tipo textual predominante em cada um dos inquéritos que constituem o *cópus*.

Tabela I. Tipos textuais dos inquéritos

Inquérito	Tipo textual	Número de SbTs	SbTs do tipo predominante	%
SP 018	descritivo	45	42	93
SP 208	narrativo	39	37	95
SP 250	descritivo	23	14	61
RJ 084	descritivo	49	30	61
RJ 135	dissertativo	31	19	61
RJ 328	narração/descrição	43	N: 21	N: 49
			D: 15	D: 35
RJ 373	dissertação	27	14	52

Em relação à vinculação entre o assunto e o tipo de composição textual em que este será expresso, não se pode ignorar que, em princípio, os assuntos podem receber diferentes formas textuais, ou seja, em princípio não existe um vínculo necessário entre o conteúdo e a forma, o nosso conhecimento de mundo nos mostra. Por outro lado, o uso de determinadas formas para alguns conteúdos específicos é extremamente corriqueiro, como por exemplo, as mensagens dos cartões de natal. Apenas retomando algumas idéias, na fundamentação teórica foram apresentadas duas maneiras de se explicar esse fenômeno, a partir das Teorias de Texto e das Teorias do Discurso, das quais a primeira explica a organização dos conhecimentos na memória, em blocos, enquanto a segunda procura examinar o processo de cristalização das formas. Ao estudarmos os “Procedimentos de abertura e fechamento de tópicos e em entrevistas assimétricas”, verificamos que os modelos cognitivos globais têm, entre outras funções, aquela de representar cognitivamente a estrutura dos diferentes textos, por meio das informações agrupadas nos mesmos. São eles os responsáveis, portanto, pelas orientações textuais nas quais o falante se baseia para expressar suas idéias. A

construção textual do tipo entrevista, nesta perspectiva, seria um desses modelos, caracterizada pela estrutura pergunta-resposta, distribuídas para um entrevistador e um entrevistado, respectivamente. De fato, esta estrutura foi mantida na maior parte dos dados analisados.

Um exemplo da vinculação entre o assunto e o tipo textual é dada pelo **Inquérito NURC/SP – 208**, cujo tema proposto é **Família, saúde**, embora possamos dizer, a partir da leitura do Inquérito, que o tema se desenvolveu mais especificamente como *história da vida familiar do informante*. Com isso, estabelece-se uma enunciação na perspectiva do tempo, que tem como objetivo a exposição dos acontecimentos e, de fato, a composição textual básica em que esse texto foi produzido compactua com tais aspectos, sendo, portanto, a *narração*. Também neste caso, o início da conversação, com as orientações do documentador, são extremamente importantes para se compreender o desenvolvimento do texto:

(5) *Doc. seu N... nós gostaríamos que o senhor contasse pra gente... todo seu ciclo de vida... desde... a infÂNCia... adolesCÊNcia maturidade época de casamento... como é que FOI... como é que o senhor conheceu a sua esposa como foi o casaMEN:::to ahn::: a sua adolescência enfim Tudo que o senhor podia contar pra gente assim de interessante nós gostaríamos que o senhor contasse por favor...*

Inf. eu... N. C... sou nascido aqui na Capital em vinte e um de maio de mil novecentos e vinte e oito... nasci::: no bairro da Luz... mas logo meus pais mudaram para a Vila Mariana

(Inquérito NURC/SP – 208, l. 1-11)

3.2 Modalidades de transições tipológicas

Na seqüência do trabalho, serão apresentadas as modalidades de transições tipológicas e a causa dessas transições.

Tabela II. Modalidade de transições tipológicas

Inquérito	Nº de SbTs	Nº de transições	Modalidades						
			DN	DE	EN	ED	NE	ND	%
SP/018	45	02	-	-	01	01	-	-	04
SP/208	39	03	01	-	-	-	01	01	08
SP/250	23	05	-	-	02	02	-	01	22
RJ/084	49	11	04	-	02	03	-	-	22
RJ/135	31	06	03	02	01	-	-	-	19
RJ/328	43	10	-	02	02	01	02	03	23
RJ/373	27	09	06	-	01	-	01	01	33

Legenda: DN - de dissertação para narração.
 DE - de dissertação para descrição.
 EN - de descrição para narração.
 ED - de descrição para dissertação.
 NE - de narração para descrição.
 ND - de narração para dissertação.
 (Não foram localizados casos de injunção).

Verifica-se, inicialmente, que os casos em que a mudança de subtópico vem

associada à mudança de tipo textual constituem a minoria e os casos em que os percentuais são mais elevados correspondem a entrevistas nas quais ocorre maior participação do documentador ou (no caso de RJ/373) há dois tipos textuais predominantes.

A alternância entre os tipos de texto decorre das características da língua falada, na qual o planejamento local faz com que diferentes tipos de texto sucedam-se um ao outro. A língua falada é planejada localmente, de modo que o processo de produção constitui não só um dos componentes dessa forma de realização lingüística, como também determina muitas características por ela assumidas. Por conseguinte, é possível afirmar que, no texto falado, à dinâmica do processo de produção equivalem algumas características gerais dessa modalidade de produção verbal, assim como certos fatos particulares. A existência de transições tipológicas na Língua Falada seria, de acordo com essa perspectiva, uma característica advinda do seu próprio processo de produção, as quais seriam motivadas, por outro lado, por fatos particulares de cada interação.

A narração foi o tipo de texto ao qual mais recorreram os falantes, enquanto compunham seus textos nos demais tipos textuais. Vejamos algumas passagens:

(6) *Doc. você gosta de música?*

Loc. ADORO...

Doc. vocês costumam sair à noite?

Loc. saímos...

Doc. de: de um modo geral... que tipo de divertimento que você gosta?

Loc. não o divertimento assim que nós... é é costumamos u/utilizar mais...

*por ser assim mais prático e econômico é o cinema... **mas... inclusive no domingo passado nós fomos** assistir um concerto... de uma banda sinfônica... éh:... eu gosto muito de carnaval... sou dirigente de um bloco carnavalesco... e estou muito ligado assim à música popular em função do bloco que é um:... uma das minhas adorações... já desfilei por escola de samba também...*

(Inquérito NURC/RJ – 12, l. 237-250)

Neste exemplo, observamos a passagem de um texto dissertativo para um texto narrativo, que equivale a uma nova centração, ou seja, à introdução de um novo subtópico. O documentador vinha orientando o informante a expor suas idéias e opiniões referentes aos assuntos que inseria. Em certo momento, questiona o informante a respeito de sua inclinação por música, mas, logo em seguida, insere uma nova centração. Ao responder à questão do documentador, o informante volta ao assunto *música*, pelo qual demonstra grande envolvimento, já verificado na entonação – aDORO – narrando alguns fatos que comprovam esse seu envolvimento. No exemplo está salientado o momento em que se detecta a nova centração, que é, na verdade, uma retomada de tópico.

3.3 Causas das transições tipológicas

As causas mais freqüentes da transição tipológica associada à mudança de tópico são representadas por um pedido ou solicitação explícita do documentador (P) ou a introdução de novo tópico ou a retomada de um tópico anterior (T). Essas causas correspondem a 73% das ocorrências e seu predomínio deve-se ao fato de que elas são as razões que mais de perto se associam ao desenvolvimento tópico. Com efeito, a

introdução ou retomada de um subtópico decorre, muitas vezes, de uma solicitação do documentador e ao fato de que este último ou o informante percebem que um dado tópico está esgotado.

Além disso, o predomínio dessas causas decorre das características da entrevista, na qual existe uma clara definição de papéis: cabe ao entrevistador formular as perguntas e dirigir a interação, ao passo que o entrevistado desenvolve os temas introduzidos pelo entrevistador. Desse modo, o entrevistador pode introduzir novos tópicos e subtópicos e, bem assim, solicitar que o informante o desenvolva. Este, por sua vez, pode encerrar um tópico, quando o julga esgotado. Em suma, o predomínio das duas causas mencionadas decorre ao dinamismo da interação falada e ao fato inequívoco de as entrevistas estarem centradas no desenvolvimento de um dado assunto.

Em muitos casos, as causas P e T se superpõem, e fica problemático identificar a predominância de uma delas. É o que se verifica nos exemplos a seguir.

(7) *Inf. bom... o:::... à medida que o sujeito vai tirando o leite ele coloca num balde que não é um... é um balde:::... não muito grande vamos dizer de uns... pode ser de cinco ou de dez litros... e:::... a a que depois que ele preenche aquele balde então ele joga todo o leite... num latão... o::: latão é um recipiente bem maior... deve caber uns cinqüenta cem litros... em geral cinqüenta litros... um latão de leite típico eu acho que... que cabe cinqüenta...*

Doc. e se se quiser aproveitar esse... esse leite o que que se pode fazer dele?

Inf. bom... o na o principal aproveitamento do leite é vender pra::: as usinas de leite né?... agora:::... dentro da fazenda se quiser... aproveitar o leite pode-se:::... ah além de beber...

(Inquérito NURC/SP – 18, l. 575-89)

A passagem do SbT A ordenha para o SbT O aproveitamento do leite é acompanhada pela transição de um texto descritivo para uma dissertação. A causa dessa transição foi classificada como **P**, embora possamos também entender que se trate da causa **T**. Na verdade, em muitas transições classificamos como causa a combinação **P/T**, visto que essas duas variantes estão estritamente relacionadas neste estudo. Vale lembrar que uma das características do *córpus*, como mencionamos anteriormente, é a nítida definição de papéis: o documentador introduz os tópicos, enquanto o informante os desenvolve. Nesse caso, as funções de solicitar que a pessoa fale (**P**) e de introduzir novo tópico (**T**) se sobrepõem. Contudo, não unificamos a classificação dessas duas funções pois existem circunstâncias em que uma delas se sobressai. No caso do exemplo acima, predomina a função **P**, pois, embora haja a introdução de um novo SbT, trata-se na verdade de um fracionamento do assunto anterior, a nova contração encontra-se, em relação à precedente, num nível de abrangência mais específico.

No exemplo 8, ocorre o inverso. O informante, ao desenvolver o **SbT – Encargos Financeiros** descreve uma conversa entre um comerciante e um bom comprador, imitando-a. Quando termina a demonstração, ele finaliza o tópico com um fecho frástico (em que não há retomada de conteúdo) simples, ou seja, sem marcas específicas, mas se utiliza de um pós-fechamento para indicar que esgotou o tópico. O documentador percebeu a indicação e introduziu **SbT – Depósitos Bancários**, solicitando ao informante que explique o procedimento para “guardar dinheiro no banco”. Assim, vemos que a causa da transição é a necessidade da introdução de um novo tópico (**T**), ainda que se verifique o pedido do documentador (**P**). No exemplo, o

realce indica tanto a nova centração quanto a transição de tipo textual.

(8) *Inf.* “*não não é juro não... juro paga quem deve... eu não vou dever eu vou lhe pagar à vista... eu quero saber isto aqui está etiquetado um milhão de cruzeiros... quero saber que diferença o senhor me dá?*” “*ah... tal... bom... tal... e... cinqüenta cruzeiro*” “*não não quero tem um outro ali que me dá cem até logo...*” e às vezes o cara vai atrás pra vender... o homem da loja...

Doc. **professor... o que é que é necessário** pro senhor guardar o dinheiro no banco? O que é que o senhor precisa fazer pro senhor conseguir guardar o dinheiro no banco?

(Inquérito NURC/SP – 250, l. 374-85)

No exemplo 9, a causa da transição foi classificada como **P/T**, por não apresentar nitidamente o realce de uma das funções. Verifica-se a solicitação do documentador, que, ao mesmo tempo, insere uma nova centração, a qual muda o enfoque do que vinha sendo dito, embora os tópicos estejam ligados por um tema mais abrangente. Estamos diante de um caso em que a sucessão de assuntos dá-se no nível horizontal, ou seja, na linha discursiva:

(9) *Loc.* *eles não devem comer aquilo... porque não dá condições para você trabalhar... a gente fica muito cansada realmente dá assim uma vontade de você deitar e dormir... porque as refeições são muito pesadas...*

Doc. **agora... você que come bem carne...** está habituada... quais são os tipos de carne assim que você come... **como... de que modo...** essa carne é preparada

Loc. *aqui em casa geralmente a titia compra muito é alcatra... chão-de dentro... quando ela quer fazer assim carne picada... né... aqui em casa a gente usa muito carne... bate... fazer a carne na máquina... picadinha e aí refoga... faz com ovo...*

(Inquérito NURC/RJ – 328, l. 398-408)

No trecho acima, encontra-se a parte final do **SbT – Conseqüências de uma alimentação pesada** e o início do **SbT – Consumo e preparo de carnes pela informante**. Ocorre, nesse exemplo, uma transição de *dissertação* para *descrição*, referentes respectivamente aos tópicos mencionados. Estão assinalados, no texto *dissertativo*, dois empregos da conjunção explicativa *porque*, que introduzem a avaliação da informante acerca do assunto. Logo depois, estão salientados, aos mesmo tempo, o novo SbT e a transição textual para o texto *dissertativo* e em seguida a expressão que enfatiza este tipo textual: *como... de que modo*.

A partir dos dados obtidos, verifica-se que a predominância da utilização dessas variantes de causa de transição, **P** e **T**, seja isoladamente ou sobrepostas, é mais uma das características das entrevistas ou diálogo entre informante e documentador, vinculada a um dos aspectos centrais desse tipo de cópula: por possuir papéis nitidamente definidos e “serem previamente planejadas, as entrevistas perdem em espontaneidade e envolvimento entre os falantes, fazendo com que o foco recaia sobre os assuntos tópicos e em suas seqüências”.

4. Comentários conclusivos

A análise das ocorrências de transição – efetuada a partir dos exemplos expostos – revela que os casos de alternância correlativa de tópicos e de tipos textuais está

associada ao dinamismo do texto conversacional e às características das entrevistas. Com efeito, essa modalidade de interação falada está fortemente centrada no desenvolvimento de um dado assunto e nela existe uma clara definição dos papéis exercidos pelos interlocutores.

O predomínio de transições decorrentes de pedidos do documentador ou de introdução/retomada de tópico ilustram essas particularidades e evidenciam que, mesmo na interação assimétrica, o tópico constitui uma construção conjunta de ambos os participantes da interação verbal.

¹ Bakhtin define o enunciado como sendo a unidade real da comunicação verbal. Equivale, portanto, ao que estamos chamando de texto.

² Em relação à teoria do Discurso, por esta não ser a nossa área de pesquisa, nos limitaremos às concepções aqui discutidas e, desse modo, o emprego destes termos fará referência a tais idéias. Caso seja necessário o uso de novas noções, elas serão explicadas no momento.

4. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 279-326, 1992.

CALLOU, D. e LOPES, C. R. (org.). **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro. V. II (Diálogo entre informante e documentador)**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 6. ed. São Paulo; Cortez, 2000.

PRETI, D. e URBANO, H. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. Campinas: S. C. P., 1991 (Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem).

_____. Tipologia e a coesão/coerência no texto oral: transições tipológicas. *In: CASTILHO, A. T. e BASÍLIO, M. (org.). Gramática do português falado V. IV- Estudos descritivos*. Campinas: FAPESP/ED. da UNICAMP, p. 453-471, 1996.

VILELA, Mário e KOCH, Ingedore Villaça. Gêneros e seqüências textuais. *In: Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2000.